

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA
NAS LITERATURAS LUSÓFONAS

José Nicolau Gregorin Filho (USP)
jngf@usp.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar como as memórias da infância são representadas em algumas obras da literatura de língua portuguesa.

É importante ressaltar que não se trata de esgotar o assunto ou de tomar essa breve análise como generalizante, tendo em vista o amplo horizonte que se abre à nossa frente quando os termos “infância” e “memória” surgem. Propõe-se, aqui, um breve olhar sobre como três obras da literatura de língua portuguesa se referem à infância: *Infância*, de Graciliano Ramos; *As Pequenas Memórias*, de José Saramago e *Os da Minha Rua*, de Ondjaki. Em razão da dimensão das três obras, também não se propõe analisá-las de maneira exaustiva, mas buscar algumas passagens onde a infância é retratada na e pela arte.

De antemão, sabemos serem três obras construídas em tempos diferentes e em espaços outros, cada tempo e espaço com suas peculiaridades culturais e históricas. Um elemento que as une é o fato de as três terem sido escritas em língua portuguesa, este é o ponto de entrada para a nossa discussão, ou seja, narradores de mundos e épocas distintas representaram a infância de seu lugar, as experiências com a escola e com os grupos sociais mais próximos, o crescimento, afetos e desafetos numa mesma língua.

Para a promoção desse encontro de épocas e espaços diversos, busca-se como fundamentação teórica é utilizada a Literatura Comparada, já que ela pode nos fornecer os caminhos para esses olhares transatlânticos.

ALGUNS ASPECTOS SOBRE A MEMÓRIA

Como há várias acepções de “memória”, é importante que se coloquem algumas dimensões para o termo e, posteriormente pensar na realização que nos interessa: a memória discursiva.

No interpretante do código, conforme Caldas Aulete (1964), encontramos:

s.f. faculdade de conservar a lembrança do passado ou da coisa ausente (...). Escritos em que o autor só trata acontecimentos que lhe dizem respeito ou dos pertencentes à sua época e em que é mais ou menos interessado. (1964, p. 2573)

No nível do léxico, a memória é descrita como importante mecanismo para trazer para “aqui” e “agora” elementos ausentes pertencentes ao passado, embora possa parecer um mecanismo subjetivo, o verbete abre para a questão social e histórica, a partir do momento em que insere a memória como fato também pertencente a outros indivíduos contemporâneos, além de trazer para essa questão o interesse da memória na recuperação de dados de interesse para o sujeito.

Sobre essa questão coletiva, vejamos Gazeneve & Victoroff (1982):

Memória que Maurice Halbwachs atribui aos grupos sociais. Halbwachs parte da observação de que a memória individual não existe senão pelos quadros sociais que dão a possibilidade de reconstruir a recordação. Reencontramo-las em função das exigências do presente e é nos quadros e noções de que a sociedade nos provê que bebemos o essencial do enquadramento mnésico. Halbwachs atribui então aos grupos uma memória colectiva, familiar, religiosa, de classe (...) (1982, p. 374).

Há, nessa passagem, importantes fatores para este estudo. Um deles é o fato de tratar a memória como coletiva, pertencente ao grupo social ou comunidade na qual o indivíduo que aciona pertence; outro, é o fato de fazermos uso da lembrança quando o presente assim o exige, isto é, há necessidade da memória de algum fato ou situação pretérita.

Sabendo que a memória envolve discurso, temos em Mainigneau (1998):

Uma interação verbal se desenvolve no tempo e, desse fato, constrói-se progressivamente uma memória intratextual: a cada momento, o

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

discurso pode enviar a um enunciado precedente. (...) Mas o discurso é também recoberto pela memória de outros discursos. (...) Certos tipos de discursos têm uma relação privilegiada com a memória. Assim, os discursos literários, religiosos, jurídicos... estão destinados a suscitar palavras que os retomam, os transformam ou falam deles. (1998, p. 96-97)

Maingueneau traz uma importante contribuição para a discussão aqui proposta, no sentido de que é o discurso que materializa a memória e é nos e pelos discursos que os indivíduos vão (re)conhecer os fatos passados como sendo pertencentes ou não ao universo de suas lembranças, pertencentes ou não à história de suas vidas, de suas famílias, instituições etc.

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA NA LITERATURA

Com base nas reflexões anteriores sobre a memória, podemos perceber algumas passagens nos textos literários escolhidos para este trabalho que trazem relatos interessantes sobre a infância e a visão de mundo que ela comporta:

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que o foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava, não dizia nem pensava, por estas ou outras palavras: “Que bela paisagem, que magnífico panorama, que deslumbrante ponto de vista!” (Saramago, 2006, p. 13)

Não sei como o perceberão as crianças agora, mas, naquelas épocas remotas, para as infâncias que fomos, o tempo aparecia-nos como feito de uma espécie particular de horas, todas lentas, arrastadas, intermináveis. Tiveram de passar alguns anos para que começássemos a compreender, já sem remédio, que cada uma tinha apenas sessenta minutos, e, mais tarde ainda, teríamos a certeza de que todos estes, sem exceção, acabavam ao fim de sessenta segundos (...) (Saramago, 2006, p. 59)

Nós, as crianças, vivíamos num tempo fora do tempo, sem nunca sabermos dos calendários de verdade. Para nós segunda-feira era um dia de começar a semana de aulas e sexta-feira significava que íamos ter dois dias sem aulas. Depois as datas eram assim isoladas: Carnaval da Vitória, dia do trabalhador, dia um das crianças, férias grandes, feriado da Independência e o Natal com o fim de ano também já a chegar. (Ondjaki, 2007, p. 59)

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é pos-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. (Ramos, 1970, p. 23)

Nos fragmentos acima, percebe-se um olhar da e sobre a infância construído de maneira semelhante, já que os exemplos nos mostram um distanciamento daquela etapa da vida, certa nebulosidade que dificulta ver as coisas da maneira como elas realmente aconteceram no passado. Embora sejam escritores de países distintos, ambos olham a infância com o filtro do coletivo, imprimindo à sua visão aspectos da construção cultural da idéia de infância, já que são no momento da enunciação, adultos que buscam as lembranças de uma época distante; esses fatos podem ser comprovados na seguinte passagem:

Presume-se, portanto, que os estados de alma sejam pertença exclusiva da maioridade, da gente crescida, das pessoas que já são competentes para manejar, com mais ou menos propriedade, os graves conceitos com que sutilezas destas se analisam, definem e minudenciam. Coisas de adultos, que julgam saber tudo. (Saramago, 2006, p. 18)

Observa-se, desse modo, que algumas características psicológicas do adulto não são compatíveis com o que se constrói da infância. Os adultos aprenderam coisas durante a vida, fazem juízos de valor e conseguem analisar a paisagem ou o espaço no qual estão inseridos, a criança, nessa perspectiva, não. Seria isso um fato real ou uma construção dialógica da infância? Seria essa construção individual ou construída cultural, coletiva e historicamente?

Não só a infância é (re)criada nesses discursos literários, mas fases de transição da criança para o universo adulto, conforme se pode perceber em:

Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes. (Ondjaki, 2007, p. 136)

Agora, o mundo se estirava além do monturo do quintal, mas não nos aventurávamos a penetrar nessa região desconhecida. (Ramos, 1970, p. 39)

Nas duas passagens, a transição para o universo adulto se dá por meio da ampliação dos horizontes do mundo e pelas alterações no modo de o indivíduo se comportar, como não chorar. Os três autores narram a ampliação do mundo e dos horizontes, já que viviam em comunidades com poucos habitantes, embora próximas a grandes

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

centros. Percebe-se, também, que a última alteração carrega uma forte carga cultural, já que em algumas culturas não é permitido ao homem manifestar suas fraquezas como o choro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estivemos, nesse breve texto, diante das memórias de infância de três escritores de língua portuguesa: Graciliano Ramos, José Saramago e Ondjaki. Notam, entre esses textos, alguns pontos de aproximação e de distanciamento.

Aproximam-se não somente por se utilizarem da mesma língua para a transformação dessas lembranças supostamente individuais em monumentos de memória coletiva de um tempo e de um espaço definidos, mas por partilharem traços culturais bastante próximos, embora estejam em continentes de submetidos a visões de mundo e de homem distintas.

Um importante elemento que os distancia nesse olhar sobre a infância é o fato de que Ramos percebe e recria a infância de maneira a fazer com que o leitor acredite que ele irá buscá-la na própria memória, embora as sensações o tenham marcado pela vida afora; conforme se pode perceber no título empregado para o primeiro capítulo da obra: nuvens. No final, pode-se deparar com a mesma figura:

A figura que me perseguia à noite serenou e fugiu. E a outra, nuvem colorida, evaporou-se. (Ramos, 1970, p. 274)

Saramago parece buscar sensações e explicações que possam caracterizar o ser-criança nas impressões por ele sentidas enquanto menino. Durante todo o texto, há diálogos constantes dos dois universos: infantil adulto; parecendo buscar em sua obra uma construção do menino que foi e daquilo que realmente caracteriza a infância naquele lugar, naquele tempo em que o foi. Procura, por meio do título da obra, trazer a dimensão das memórias de uma criança: pequenas, do tamanho do horizonte por ele revisitado.

Ondjaki, por sua vez, traz as memórias infância de maneira a retratar episódios que fazem parte do universo infantil do seu povo, da sua terra. Esses episódios assemelham-se a *flashes* dessa realidade não muito distante e, numa leitura desatenta, parecem não formar um

todo significativo. Mas é exatamente essa organização que caracteriza o aspecto memorialista de seu livro.

Como foi mencionado no início, tem-se a impressão de que os três escritores não trazem às páginas de seus livros as memórias subjetivas das crianças que foram, de seu crescimento e de seu tocar o mundo em várias fases da vida. O que se pode observar é, em vários momentos, a memória discursiva da infância em língua portuguesa, o que se construiu historicamente como sendo o passado, a infância e a maneira de recordar o passado literariamente, pois a literariedade também faz parte de nossa memória discursiva.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA JR, Benjamin. *Literatura: história e política*. São Paulo: Ática, 1989.

ABDALA JR, Benjamin. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUNEL, P., PICHOIS, C. L. & ROUSSEAU, A. M. *Que é Literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva, 1995.

CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Eduardo F. & CARVALHAL, Tânia F. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional / teoria internacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

GAZENEUVE, Jean & VITOROFF, David. *Dicionário de sociologia*. São Paulo: Verbo, 1982.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *A roupa infantil da literatura*. Dissertação de mestrado apresentada à FCL-UNESP. Araraquara: 1995.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

———. *Figurativização e imaginário cultural*. Tese de doutorado apresentada à FCL-UNESP. Araraquara, 2002.

LE GOFF, J. Memória e história. **In:** *Enciclopédia einaldi*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986. 1 v.

LIMA, Luís Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada (história, teoria e crítica)*. São Paulo: Edusp, 1997.

ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

SANT'ANNA, Afonso R. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 2001.